

Leitura popular da Bíblia a partir das negritudes

Paulo Sérgio de Proença

Introdução

A Bíblia sempre foi a principal referência para a vida de cristãos e até para não cristãos. O que nela está escrito forma opiniões e molda comportamentos. É por isso que sempre se recorre a ela para validar princípios e ideias. Ocorre que o que ela diz é disputado por interpretações diversas, às vezes diferentes e até contraditórias.

Cada proposta de leitura reivindica a verdade para si. Mas como é possível ser verdadeiramente bíblica a justificação da escravidão, por exemplo, que gerou o racismo, uma das piores doenças que afeta a humanidade e ainda faz vítimas em todo o mundo?

É sobre isso que vamos conversar, seguindo princípios do método Ver-Julgar-Agir, que promove abraços entre Realidade, Bíblia e Esperança: *ver* a realidade; *julgá*-la por meio da iluminação bíblica; *agir* sob motivação da esperança, para transformar as pessoas e o mundo. Trata-se de um princípio de leitura da Bíblia muito fértil, já consagrado em círculos bíblicos populares e especializados, de natureza popular, eclesial e teológica.

Apontaremos algumas considerações que procuram atestar o apagamento de negras e de negros, traço permanente na história do Brasil, como se a negritude fosse algo vergonhoso que devesse ser lançada no exílio do não-ser. O racismo, filho da escravidão, continua a operar a morte física e simbólica de gerações de pessoas negras. Esse apagamento se vincula a processos de eliminação da negritude de espaços de prestígio; aplicado de forma extrema, resulta em violência e morte. E o mundo religioso contribui também e muito para que essa situação continue, por meio, sobretudo, da leitura e da interpretação da Bíblia.

A iluminação bíblica vem de Atos 8.26-40, passagem na qual há encontro entre Filipe e o eunuco etíope. A mensagem do Evangelho vai à Etiópia-África, num abraço de inclusão e de amor. Tudo inspirado pelo Espírito, com superação dos impedimentos que se podiam reconhecer devido ao fato de o africano ser eunuco, o que não o impediu de ser alcançado pelo amor de Deus, contrariamente a crenças e expectativas daquela época.

E o futuro? A África, os africanos e os afrodescendentes continuarão excluídos da mensagem bíblica, situação que contraria os movimentos de evangelização da Igreja

primitiva? O povo negro, no Brasil, continuará vivendo em situação que vai na contramão da mensagem bíblica? Fora da África, é aqui que se concentra o maior contingente de afrodescendentes; aqui vive a maior percentagem dos filhos da Etiópia bíblica, a maior parte da diáspora do continente-mãe. Negras e negros, aqui (e de outras partes do mundo), são africanas e africanos nascidos longe da Pátria, como os filhos dos hebreus nascidos no Egito.

Nesse sentido, serão feitas aqui algumas propostas, sem preocupação com o esgotamento dessa pauta e sem a reivindicação de que sejam representativas com exclusividade das comunidades negras. É uma conversa – de desafio e de esperança para todas e para todos.

O processo de anulação histórica, de racismo e de perseguição de negras e de negros no Brasil

Houve apagamento sistemático de negros, em todas as dimensões da vida social, no Brasil. Esse apagamento corresponde à morte física e simbólica do povo negro. O império branco não suporta conviver nem respeitar as pessoas negras e os seus valores culturais. Isso é lamentável e, em muitos casos, reações beiram a linha do crime. A população negra vive no exílio existencial, cujo meio mais efetivo de perpetuação desses efeitos é o racismo.

Os meios de apagamento são recorrentes. Na história, homens e mulheres que protagonizaram eventos e conquistas significativas são esquecidos, como Esperança Garcia, mulher escravizada que, tendo aprendido rudimentos de escrita, escreveu uma petição ao governador da Capitania do Piauí, em 1770, denunciando a violência física e simbólica do seu senhor contra ela, contra companheiras e contra seus filhos, que inclusive estavam sendo impedidos de se batizarem; o senhor dela também tinha separado Esperança Garcia de seu marido. Lutando contra a opressão da escravidão, Esperança Garcia ganhou a causa. A Ordem dos Advogados do Piauí, em 2017, concedeu a ela o reconhecimento póstumo de ter sido a primeira advogada do Piauí (ver o portal www.esperancagarcia.org). Ela é ilustre desconhecida, apagada da historiografia oficial e só recentemente reabilitada.

Na Artes, a presença negra sempre foi significativa, mas não reconhecida; quem se destacou não recebeu o devido reconhecimento e, quando isso aconteceu, foi apagada a marca da negritude. Podemos citar como exemplo o famoso artista Aleijadinho, que tem sua negritude escamoteada; com sua arte, embelezou as igrejas mineiras no século XVII, período

áureo da mineração. A indústria cultural e o mundo da informação apagaram a cultura e a criatividade negra, com a distribuição de atuação protagonista a brancos em telenovelas, propagandas, filmes e séries, em que papéis subalternos e degradantes foram e são, quase sempre, exercidos por pessoas negras. Felizmente, começa a mudar essa situação, pois atores negros e atrizes negras começam a aparecer, inclusive em programas jornalísticos. Espera-se que não seja uma iniciativa conveniente e oportunista de grupos empresariais de entretenimento e de jornalismo, mas ação efetiva ao combate ao racismo e à inclusão, ainda que tardia, de representantes afrodescendentes.

O apagamento ocorre também na literatura. Só há pouco tempo se ouviu falar de Maria Firmina dos Reis, a primeira mulher no Brasil, a publicar um romance, e de caráter abolicionista, em 1859, quase trinta anos antes da Abolição. Professora, ela foi a primeira a criar uma escola para meninas e meninos. Sua memória foi apagada por muito tempo.

Machado de Assis, um dos maiores escritores da literatura brasileira e mundial, era negro, mas ainda hoje é visto e considerado branco por muitos, tanto que a Caixa Econômica Federal, quanto completou 150 anos, em 2011, realizou um filme publicitário homenageando o escritor, que era cliente da instituição; contudo, o ator que o representou era branco. Depois de protestos, principalmente de movimentos negros, foi feito novo filme com ator negro. Machado de Assis foi um gênio literário e para muitos isso parece ser incompatível com a cor da sua pele. Sua condição negra foi apagada.

Lima Barreto foi outro escritor negro; também ele lutou contra o preconceito racial, mas teve sorte diferente; ele foi vítima da política de saúde equivocada (eugenista) que o internou no Hospício Nacional para tratamento do alcoolismo (o racismo faz as pessoas adoecerem); seus escritos foram avaliados negativamente por longo tempo e só recentemente tem surgido nova apreciação, com a descoberta do valor literário de suas obras.

Os irmãos André Rebouças e Antonio Rebouças foram engenheiros baianos negros que contribuíram muito para o desenvolvimento da infraestrutura do país; eram especializados na construção de pontes e ferrovias; eles projetaram e construíram a impressionante estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, hoje um item importante do turismo daquelas cidades. Os irmãos Rebouças lutaram pela Abolição. Esses irmãos estão praticamente esquecidos da memória nacional.

Um exemplo bem recente do pensamento e do imaginário das classes dominantes quando a negros, no Brasil, pode ser buscado em um discurso de 7 de agosto de 2018, do então candidato a vice-presidente Antonio Hamilton Mourão; o militar declarou que, dentre as dificuldades para o Brasil avançar, estavam a preguiça (“indolência”) do indígena e a “malandragem” do africano. Essa forma de pensar, na boca de quem é formador de opinião pública, é muito mais grave em discurso de quem viria a ser o segundo mandatário do país. Como esse militar deve ter tratado seus subordinados negros, nos quartéis? Em seus discurso, o general revela a violência simbólica e o preconceito das elites brancas que comandam o país. (<https://www.youtube.com/watch?v=oiZcLtjG4Qw>).

São igualmente revoltantes as contínuas manifestações racistas nos estádios de futebol, do Brasil e do mundo. Jogadores negros, brasileiros e afrodescendentes em geral, são agredidos e humilhados aqui e em outros lugares, principalmente na Europa. Torcedores xingam atletas de “macacos”, imitam esses animais, jogam bananas nos campos e reforçam esse odiável preconceito. Apesar de iniciativas das entidades esportivas, as ofensas não cessam. As medidas adotadas são tímidas, incompatíveis com a coragem que a situação exige.

Essas menções servem de exemplo. Há muitas outras personagens negras que aqui não vão mencionados, esquecidos e apagados intencionalmente, jogados no limbo da história. Para resgatar essa dívida, ainda que parcialmente, foi publicada recentemente pela Editora Companhia das Letras, a *Enciclopédia negra*, obra que reúne biografias de 550 negras e negros que tiveram destaque em diversas áreas, como amas de leite, líderes religiosos intelectuais, ativistas, músicos, esportistas, políticos, cientistas, dentre tantos outros.

Além do apagamento da presença de personalidades negras na história, nas artes e na literatura, há, em diversas amplitudes, outros mecanismos de repressão e de violência simbólica contra nosso povo que produzem o mesmo efeito.

A educação é área de extrema influência na vida pessoal e social, como formadora de mentes e de comportamentos. Ela ocorre em espaços formais e informais, com igual força de modelação de ideias e de práticas pessoais e sociais. Em espaços domésticos, meninas brincam com bonecas – todas elas brancas, loiras de traços físicos gerais que não representam a maioria de nossas crianças (as meninas não brincam, de fato: são treinadas para o papel que a sociedade reserva a elas). Além disso, crianças ouvem e aprendem com histórias e com a

literatura infantil e um dos contos mais famosos se chama *Branca de neve e os sete anões*; não basta ser *branca*: é preciso ser *neve*. O racismo se aprende em casa, também, desde cedo.

Nos livros didáticos, negros, quando aparecem, são representados de forma humilhante, associados a falta de caráter, a sujeira, a pobreza, a animalidade, conforme indicam ilustrações, textos e comentários já identificados por diversos estudos; no dia a dia da vida escolar, as crianças negras recebem menos atenção e carinho de profissionais da educação; há restrições diversas para reprimir e conter as características físicas e culturais, como prescrição para pentear os cabelos de crianças negras, que sofrem constrangimentos diversos para adequação a padrões que não servem a elas; há resistência em tratar de temas relativos à negritude (apagamento), nas aulas e nos currículos escolares; só recentemente o quadro começou a mudar, com grande resistência de alguns setores da escola e da sociedade.

Monteiro Lobato é presença constante nos livros didáticos, como escritor de prestígio. Ele era assumido eugenista (a eugenia propunha aperfeiçoamento racial e afirmava a inferioridade de negros); também era racista dos mais ardorosos; ele defendia a extinção dos negros, como está registrado no livro de sua autoria, *O Presidente negro*. Sua criação mais famosa, a boneca Emília, diz barbaridades da Tia Nastácia.

O negro é apagado na ordem social, pois a ele estão fechadas as portas que dão acesso aos ambientes sociais de prestígio (postos de comando na política, na economia, no sistema de justiça); se negros não exercem normalmente as profissões mais valorizadas, não é porque são incapazes, mas porque não tiveram oportunidade de estudo e de formação. A sociedade branca sabe como usar o funil da exclusão.

Por muito tempo um curso superior foi somente sonho para os filhos desse povo; hoje alguns começam a chegar à universidade e na maioria dos casos são o primeiro membro de suas famílias a realizar esse sonho. Isso foi possível graças à Lei de cotas, que foi grande conquista de Movimentos Negros (essa Lei ainda hoje é muito combatida por alguns setores da sociedade) e não foi concessão da elite branca que comanda o país.

Ainda no âmbito da educação, a Lei 10.639/2003 e 11.645/2008 obrigaram o ensino de história e cultura africana e indígena, respectivamente. Essas leis resultam da necessidade de adoção de princípios igualitários na escola, para diminuir o apagamento e proporcionar superação de preconceitos. Infelizmente, essas leis não são cumpridas e cristãos evangélicos

são os principais responsáveis por isso. Eles demonizam tudo o que se refere a negros e à África.

Nos hospitais, negros são maltratados. Esperam mais tempo para atendimento; são examinados mais superficialmente pelos profissionais; sofrem dor, sem a devida e imediata medicação para alívio, pois alega-se que são mais resistentes a ela, conforme depoimento de jovem médica negra, que registra as reações positivas de pacientes negras e negros atendidos por uma profissional com quem se identificam (a entrevista pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-3pyiyEuEg>).

Nas cidades, negros não ocupam os bairros em que há maior qualidade de vida, com infraestrutura, policiamento adequado, moradias confortáveis e outros benefícios; o exílio para as periferias esquecidas é apagamento, também. São expulsos para as longínquas periferias das grandes cidades, moram em favelas, nos sopés dos morros, nas ruas, nas delegacias, nas prisões, nos cemitérios.

Simplesmente por serem negras, as pessoas são associadas a crime, a degradação moral, ao mal. São punidas pela sociedade por isso. Em 2022, aproximadamente 68% da população carcerária era de negros. O sistema policial, judicial e carcerário é composto por uma rede de instâncias do Estado que, por meio de uma sequência de ações (abordagem, prisão, acusação, julgamento, encarceramento) em compasso racista, criminaliza sujeitos de pele negra.

O sistema policial e o sistema jurídico, no Brasil, são dirigidos por racismo, impregnado nas mentes e nas condutas de seus profissionais. Negros, justamente por isso, são vistos como suspeitos por policiais. No judiciário, o racismo é também reconhecido; juízes e juízas, responsáveis pela aplicação da justiça, são injustos, pois há intercorrência de princípios racistas em muitas sentenças que emitem. A justiça brasileira é operada e comandada por brancos, que arrogam para si a tarefa de massacrar negros, amparados no poder de que dispõem. Seguem duas ocorrências (há tantas outras): uma juíza de São Paulo, em 2016, registra em sua sentença: “Vale anotar que o réu não possui o estereótipo padrão de bandido, possui pele, olhos e cabelo claros, não estando sujeito a ser facilmente confundido”; como se percebe, pele clara não está associada a banditismo, embora, no caso o réu fosse branco e culpado. Outra ocorrência, de um juiz do Paraná, de 2020: “Seguramente integrante do grupo criminoso, em razão da sua raça [negra]”. Fica muito evidente que a

justiça brasileira reforça o racismo que se aloja nas estruturas do Estado brasileiro, adotando princípios de um determinismo biológico, herdado do racismo científico do final do século XIX, que associa negritude à criminalidade.

Esse princípio racista chega à perseguição aos cultos africanos e a qualquer manifestação cultural das negritudes, como se fossem perturbadoras da ordem. Um juiz, em 2014, no Rio de Janeiro, negou pedido da Associação Nacional de Mídia Afro, para que o Youtube retirasse do ar vídeos ofensivos a religiões africanas, associadas ao diabo por um pastor evangélico. O juiz negou o pedido, alegando que “as manifestações religiosas afro-brasileiras não se constituem em religiões [...] não contêm os traços necessários de uma religião, que seriam um texto-base, como o Corão ou a Bíblia, estrutura hierárquica e um Deus a ser venerado”. Os padrões utilizados pelo juiz para esse entendimento são os de religiões do mundo branco. A desqualificação a tudo que se refere a negros e à origem africana de sua cultura e de sua religião é reforçada, na sentença desse juiz! Vê-se, por essas menções, que agentes do Estado brasileiro operam o apagamento da presença negra, como se fosse uma doença, um câncer, uma vergonha que não pode ser exposta para não ser vista.

(<https://www.migalhas.com.br/quentes/201113/juiz-diz-que-culto-afro-brasileiro-nao-e-religiao>).

Colonização, escravidão e consequências da interpretação da Bíblia feita por brancos

A escravidão moderna foi responsável em grande parte por essa situação, pois gerou um imaginário de inferioridade dos negros. Fato que agrava a situação é que a Bíblia foi usada na colonização para produzir opressão. Os jesuítas (padre Antonio Vieira e outros), interpretaram a Bíblia para justificar a escravidão e subjugar o povo negro. Em sermão pregado na igreja do Rosário dos Pretos, Salvador, em 1633, Vieira compara o sofrimento dos escravizados no inferno dos fornos das usinas de cana de açúcar aos sofrimentos de Cristo, sugerindo que o sofrimento imposto aos escravizados seria um sacrifício necessário para a salvação deles. Criou-se uma Teologia da escravidão que inspirou o racismo perverso deste país, infiltrado inclusive (e sobretudo) em círculos teológicos e religiosos cristãos.

Padre Vieira viveu no século XVII e foi um escritor muito valorizado; ele dominava bem os recursos da retórica e é um dos personagens históricos mais venerados da história de Portugal e da literatura portuguesa e brasileira. Tudo isso não o impediu de se tornar um

grande escravagista que usou a Bíblia para defender a escravidão. Segundo suas ideias, os negros deveriam suportar humilhações porque, assim, viveriam à semelhança de Cristo e teriam recompensa futura: se o corpo (presente) pode ser escravizado, a alma (futuro) não poderá.

Para ele, os escravizados deveriam prestar rigorosa obediência aos seus senhores, e a rebeldia era vista como crime e pecado. Suas ideias tinham o objetivo de defender os interesses de Portugal e, como a prosperidade daquele país dependia do trabalho escravizado, o Padre procurou justificar o sistema buscando na interpretação das Escrituras os meios para essa finalidade.

No sermão XIV, pregado em 1633, defendia ele que os pretos, ao serem retirados da África, estavam sendo resgatados do paganismo e, por isso, deveriam “dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazidos a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis”.

Vieira faz menção à Etiópia, referindo-se ao trecho de Felipe e o eunuco; também menciona trechos do Antigo Testamento, para dar feição bíblica mais abrangente a suas ideias: “Virá tempo, diz Davi, em que os etíopes - que sois vós - deixada a gentilidade e idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus”.

Para tornar a escravidão aceitável, diz Antonio Vieira que os pretos são imitadores de Cristo, porque participavam dos sofrimentos de Cristo:

A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

Encarecendo o muito que padeceu o Redentor em sua sagrada Paixão, que são os mistérios dolorosos, o Padre Veira compara o sofrimento dos escravizados às dores e às penas do inferno; tudo, porém, valeria a pena aos escravizados, porque a recompensa futura chegaria:

[...] quem vir, enfim, toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de inferno. Mas, se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do Rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno

se converterá em paraíso, o ruído em harmonia celestial, e os homens, posto que pretos, em anjos.

Esse *posto que*, no final do trecho, evidencia os valores racistas implicados; é sinônimo de *apesar de*, termos que indicam contrariedade: ser negro e ser anjo são coisas contrárias. Reforça-se a ideia segundo a qual a pele negra é incompatível com seres angelicais, com a beatitude celeste, contrariamente ao que o africano de At. 8 nos ensina.

Os mistérios dolorosos são os dirigidos aos etíopes, segundo o Padre. Já os gozosos pertenciam aos senhores, porque mandam, dormem, descansam, gozam o fruto do trabalho dos escravizados. No entanto, o trabalho dos etíopes escravizados é descrito como o mais doce, se comparado com as abelhas “[...] As abelhas fabricam o mel sim, mas não para si”.

Podem ser arrematadas essas pequenas transcrições com uma última menção, em que Vieira se refere a uma recompensa futura, que exigiria o devido esforço para ser alcançada: “Todos querem ir à glória e ser glorificados com Cristo, mas não querem padecer nem ter parte na cruz com Cristo”. Quanto sofrimento imposto a negras e negros, justificado pela Bíblia! Que leitura e interpretação é essa?

Portugal e seus agentes não estavam sozinhos. O império britânico no começo do século XIX criou a *Bíblia dos escravos*, que reduziu o Livro Santo a vinte por cento de seu conteúdo; foram mantidos apenas os trechos que exigiam obediência dos escravizados. Gálatas 3.28 foi apagado dessa Bíblia, por certo. A intenção era manter apenas as partes que favoreciam os senhores de escravos; os trechos bíblicos que falavam em amor, em igualdade, em respeito, em solidariedade e em outros valores evangélicos foram todos apagados. Que Bíblia era essa? Bíblia falsificada, Bíblia mentirosa, Bíblia *fake*.

Ainda hoje predomina a ideia de que o negro é inferior e alega-se que esse princípio está na Bíblia; o principal apoio seria a suposta “maldição de Caim” e a também suposta “maldição de Noé”. Ocorre que nenhum desses textos indica qualquer maldição ao povo negro.

Alguns pensam que a pele negra dos africanos seria consequência do castigo infligido a Caim, o primeiro homicida (fratricida), conforme Gênesis 4; a marca de Caim, acreditam os escravagistas, seria a pele negra, considerada maldição. Essa é interpretação branca, incompatível com o texto bíblico, que não indica ser a pele negra a marca divina; pelo contrário, essa marca seria de proteção e não de maldição, uma espécie de selo. Caim é o personagem que marca a passagem do mundo nômade para o mundo das cidades; é por isso

que Caim e seus descendentes estão associado à cultura citadina, na sequência da narrativa de Gênesis.

Outra tradição diz ainda que os africanos são amaldiçoados porque eles descendem de Cam, o filho de Noé; na narrativa de Gênesis, Cam teria sido amaldiçoado, por ter zombado da nudez de seu pai; Deus teria aprovado a maldição e condenado à escravidão os descendentes de Cam. Em Gênesis 9.18 se mencionam Canaã e os demais filhos de Noé, embora não tenha sido Cam, mas o seu filho Canaã o alvo da pretensa maldição: “Os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé. Cam é o pai de Canaã. Esses três são os filhos de Noé; e a partir deles se povoou toda a terra”. Esse elo narrativo antecipa o evento que envolveria Canaã.

Gênesis 10, 15-18 diz quem são os canaanitas: “Canaã gerou Sidom, seu primogênito, e Hete, e os jebuseus, os amorreus, os girgaseus, os heveus, os arqueus, os sineus, os arvadeus, os zemareus e os hamateus. Depois as famílias dos cananeus se espalharam”. Estes povos foram subjugados pelos israelitas, na conquista de Canaã prometida (saída, no êxodo), começando por Jericó e terminando na monarquia, por meio de guerras de expansão. Assim, Canaã não ficava na África, mas na Ásia (Palestina), se alguma maldição pode ser lida na narrativa, ela não se refere ao povo africano.

Há maldição para Canaã. Qual o motivo dela? Pode ser referente à ocupação dos semitas na saída do êxodo e conquista da terra de Canaã, sob a liderança de Josué e posterior conquista definitiva do território canaanita, com os reis Davi e Salomão. A vitória na guerra era fonte para escravização dos vencidos. Naquele contexto e naquela época, proferir maldição parece ter sido um recurso literário-religioso comum, como se pode ver em Josué 9, em que os gibeonitas enganam Josué, que os maldiz; por isso, seriam escravizados: “22. Josué chamou os gibeonitas e lhes disse: — Por que vocês nos enganaram, dizendo que moravam bem longe de nós, quando na verdade moram aqui perto? 23. Agora vocês estão sob maldição e entre vocês nunca deixará de haver escravos, rachadores de lenha e tiradores de água para a casa do meu Deus”.

Igualmente, como fez Josué, o episódio de Gênesis 9 associa-se à maldição-escravização. O trecho se tornou uma espécie de apoio para justificar a servidão negra, mas se trata de elemento cultural da antiguidade que deve ser limitado àquele contexto; não se trata de uma previsão de servidão de moldes modernos, muito menos contra os negros. Da

mesma forma que Josué amaldiçoou os gibeonitas por um engano deles, Noé tinha maldisse Canaã por causa de uma atitude culturalmente merecedora de reprovação.

Há, assim, manipulação grosseira do texto bíblico para justificação da escravidão. Essas interpretações são falhas e motivadas por interesses escravagistas que estavam ausentes no contexto original em que nasceram. Muitos cristãos individual ou institucionalmente se deixam seduzir por esses caminhos porque são também escravagistas e preconceituosos.

Como resultado, por mais absurdo que pareça, pedidos pela volta à escravidão começam a ser proferidos e divulgados, com grande ousadia, nesses nossos tempos, depois que ondas conservadoras radicais contaminaram o exercício de poder político e segmentos religiosos de nosso país. Por exemplo, em setembro de 2019, um homem disse a uma colega de trabalho: “Queria que a escravidão voltasse. Não ia ter conversa, você ia ter que fazer sexo comigo” (<https://gauchazh.clicrbs.com.br>). Não são poucas as ocorrências de trabalho análogo à escravidão, no Brasil, em ambiente doméstico-familiar e em ambiente empresarial. Brasileiros brancos têm, em geral, forte imaginário escravagista, que volta quando as condições permitem. Chocou a imagem, recentemente, de uma mulher, ex-atleta de vôlei, que tirou a coleira de um cão e agrediu um entregador, sem motivo aparente, em área nobre do Rio de Janeiro; ela era reincidente em ocorrência da espécie e surtou diante de um negro (<https://www.youtube.com/watch?v=N71gXLYbe6U>).

Insultos verbais e agressões físicas contra pessoas negras estão se multiplicando, no Brasil, cada vez mais. Negras e negros continuam vivendo sob violência perversa.

E nos ambientes religiosos, os negros têm espaço, respeito e oportunidades? Pode-se admitir que esse povo, com suas dores, angústias e esperanças, ainda está ausente da liturgia, da catequese, das homilias e dos sermões, apesar de serem maioria da população e do contingente dos que se declaram cristãos. Há proporção desprezível de padres negros, pastores negros, pastoras negras; nos púlpitos, sermões massacram negros e negras e a cultura e religiões africanas. Nos seminários predominam teologias produzidas por europeus e norte-americanos – isto é: brancas.

Em ambientes diversos e com indesejável frequência, negros e negras passam a vida ouvindo que são inferiores, feios, incapazes, burros. Isso tem eficácia: nós acabamos acreditando nessas mentiras, confirmadas, repetidas (não negadas) na maioria das

celebrações religiosas cristãs (raras são as exceções). Negras e negros são humilhados diariamente, constantemente, por muitos cristãos *piadosos*.

É vergonhoso o papel exercido por segmentos cristãos evangélicos e católicos, de direita, nos últimos anos. Usam a religião e a Bíblia para opressão e para exercício de política partidária. Torcem e distorcem a Bíblia, lida e interpretada por interesses opressivos. Negros e negras devem reler e redescobrir a Bíblia, por si e para si, como fez o eunuco etíope. A Bíblia do Êxodo, a Bíblia dos Profetas. A Bíblia do Evangelho de Jesus.

Um africano-etíope tem muito a ensinar

Buscamos a iluminação bíblica em *Atos* 8.26-40, trecho que atesta a expansão do evangelho na era apostólica, conforme indicado no começo do livro: “Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra” (At 1.8). A Etiópia estava nos “confins da terra”, lá perto de onde nasce o sol, segundo os conhecimentos da época; assim como a Espanha (província romana que ficava na península Ibérica e não o país que hoje tem esse nome), estava no extremo ocidente da Europa.

O encontro de Filipe com o eunuco acontece em torno da Bíblia, de sua leitura e de sua interpretação. E iluminou a caminhada de um africano etíope, assim como também pode iluminar a caminhada de afrodescendentes, hoje.

O projeto missionário da igreja primitiva, descrito por *Atos*, exigia nova interpretação das Escrituras, sob direção do Espírito Santo; esse movimento inclui a evangelização de um africano, um eunuco etíope que tinha interesse em entender as Escrituras (o profeta Isaías). Ele estava em viagem de regresso a sua terra, o que dá ao conjunto um dinamismo peculiar. Transportado pelo Espírito, Filipe o auxilia na interpretação do trecho, subindo no carro em que o africano estava, como companheiro de viagem.

Detalhes da narração são inspiração para o processo geral de leitura da Bíblia, que dá sentido à existência. Antes de se batizar, o eunuco etíope pergunta se havia algum impedimento, muito provavelmente porque, conhecendo o Antigo Testamento, sabia que como eunuco ele estava impedido de acesso a certos benefícios espirituais. Filipe o batiza, afinal, mostrando que para a nova maneira de ler as Escrituras, não há impedimentos para

adesão à nova fé e para viver uma nova vida. Não há impedimento de nenhuma ordem, nem de cor de pele.

Não se sabe se o africano piedoso era judeu negro, pagão convertido ou apenas simpatizante da religião. Basta que fosse eunuco; o termo poderia ser empregado para designar altos funcionários de autoridades (como era o seu caso); tudo indica que se tratava de um eunuco de fato. Basta também que fosse estrangeiro; de volta para casa passava por Gaza (sudoeste da Palestina); Gaza era o limite, como diz Gênesis 10.19, da região ocupada pelos filhos de Canaã. Gaza era caminho para o Egito, pois a Etiópia ficava ao sul desse país.

Temas recorrentes em Atos-Lucas aparecem em nosso texto, presentes, por exemplo, no trecho que relata a conversão do carcereiro de Filipos (At. 16.27-34): a *direção do Espírito Santo* nas peripécias todas; a *fé* em Jesus; o *batismo* de mais um seguidor-crente; o fecho da passagem com a constatação que a *alegria* se fazia presente; alusões a fontes e tradições do Antigo Testamento. Por exemplo, há alusão ao profeta Elias (1 Rs 19.5-8) e no seu arrebatamento pelo Espírito (1Rs 18.12) – o mesmo acontece com Filipe. Além disso, temos menção ao livro de Salmos (68.31) e aos profetas Isaías (56.3-7) e Sf (3.10) – estes últimos por se referirem a eunucos e ao Egito. Também deve ser mencionado o texto de Dt 23.1, que contém a prescrição sacerdotal em relação a eunucos. Pode-se concluir que tais remissões, mais do que selar vínculos entre Antigo e Novo Testamentos, atestam o princípio hermenêutico do esquema promessa-cumprimento: O autor de *Atos* (Lucas) via o seu tempo como o cumprimento das promessas do Antigo Testamento.

Um rápido levantamento terminológico em At. 8.26-40, sem compromisso com o rigor da exatidão, nos mostra que predominam termos que são quantitativamente significativos, relativos a *movimento*, a *fala* e a *leitura/interpretação*; eles ajudam a contornar a moldura formal que enfatiza as ocorrências qualitativas, que enfatizam as mudanças: primeiro, a cognitiva (interpretação); depois, a comportamental (o batismo, adesão a um novo projeto de vida).

Por exemplo, o termo original, traduzido normalmente por “explicar” tem o sentido de caminho e de guiar (liderar, mostrar, apontar), podendo se referir a guiar de forma concreta e de forma abstrata. Há boa combinação com a dinâmica do texto e com o fato de o etíope estar em um carro, em movimento, sem saber que direção tomar (no caso, qual a interpretação do texto). Vejamos natureza das indicações verbais, quanto ao campo semântico, no texto:

Termos importantes em At 8.26-40 e sua esfera de sentido

Esfera de sentido	Verbos
Movimento	levanta, vai, descendo, levantando, foi, correndo, voltando, vai, subindo, sair, foi, saindo, desceram, subiram, foi, atravessando, ir
Fala	falou, dizendo, falar, ler (em voz alta), disse, abrindo a boca, instrui (explica), respondeu, disse, diz, anunciou (boas novas), ordenou
Leitura	ouviu, lendo, livro (profeta Isaías), escritura, leu, porção (da escritura)

Há, ainda, termos relativos a compreensão (entender, explicar), e a ouvir, capacidades ligadas ao processo de leitura e de interpretação e complementares às que foram apontadas no quadro acima.

As falas se dão em forma de diálogo e essa forma de interação entre pessoas indica que interlocutores estão em pé de igualdade. Não há mando (opressão) de nenhuma parte: uma pessoa fala e outra ouve, e vice-versa. A fala é terapêutica em situações como essas, em que une e constrói pontes de entendimento e faz convergir sentimentos e ideais. Esse processo ocorre em círculos bíblicos nos quais todos se colocam como interlocutores que se autoalimentam por trocas construtivas convergentes; quando isso acontece, a Bíblia fala e a comunidade também fala à Bíblia, em produtivo diálogo que ilumina a caminhada do povo.

À fala se associa o movimento que aponta para um alvo, para um objetivo. Esse quadro dinâmico tem um destino, um *sentido*: a Etiópia (em particular) e a África (em geral). Em outras palavras: o evangelho caminha, de forma dinâmica, para abraçar a África e os africanos. Temos, então, o encontro entre desafios de nova leitura, a necessidade de assumir a própria fala e ocupar o espaço (simbólico, no nosso caso) da África.

A interpretação bíblica, necessária

A leitura da Bíblia é intermediária entre texto e vida. Do livro sagrado dependem valores, ideais, aspirações – sentido para a vida, enfim! Filipe e o eunuco etíope nos dão pistas interessantes para encontrar razões para encontrar sentido para a inserção de negras e negros no projeto de Deus.

A leitura não foi suficiente ao etíope para entender a mensagem do profeta Isaías. Foi necessária a interpretação (a leitura nem sempre garante a compreensão de um texto). A passagem de At 8.26-40 pode ser interpretada pelo menos de duas maneiras para ter sentido: o antigo e o novo. “Dar um sentido”, além de “instruir”, é mostrar uma direção; apontar o caminho (note-se a ambivalência da palavra “sentido”: além de “significado”, indica “alvo, objetivo, norte”); daí se pode inferir que também sugere dinamismo, movimento, mudança, dinâmica que envolve a cena toda.

Sem interpretação o texto emudece, fica impotente, sem semente nem descendência (a situação do eunuco). A *mediação* (Filipe) é indispensável. Não estão em jogo apenas as condições de produção, mas também as da recepção. Um mesmo texto pode ser lido de diversas e divergentes formas, a depender dos intérpretes e da condição de vida dos receptores; a ele podem ser aplicadas interpretações contrárias, conforme atesta não só a Bíblia, mas igualmente a História da Igreja, que muitas vezes afirma a prevalência do poder sobre a necessidade e importância da razão e do coração.

A recepção-interpretação cria, assim, outros textos, historicamente condicionados. Por isso, não deve nunca ser desprezada a contextualização histórico-social (tanto da produção do texto quanto do momento da leitura-interpretação), que sempre interfere no processo de escrita-leitura-interpretação. Exemplo interessante diz respeito à manipulação de igrejas no processo de leitura-recepção que os fiéis fazem da Bíblia; a intenção disso é controlar a interpretação, com consequente apagamento da ação produtiva e criativa de leitores sobre o texto. Nesse campo de forças a correlação não é ajustada, visto que a tendência é ser apagada a polissemia, ameaçadora para a elite: como plural e polissêmico, o texto se torna uma arma contra a interpretação de profissionais e de clérigos *socialmente* autorizados, como diz Michel de Certeau no livro *A invenção do cotidiano* (p. 267).

A interpretação (autorizada) é a opção por um lugar social e ideológico que sempre favorece o intérprete como instância socialmente prestigiada. É, de fato, exercício de poder. Daí o interesse de monopólio interpretativo que as instituições têm e a tendência de elas controlarem os mecanismos de interpretação.

Não somente textos escritos são interpretados. “Texto” pode ser entendido, em sentido geral, como qualquer manifestação cultural que produz sentido. Assim, um gesto, uma cor, uma pintura, pode produzir sentidos e, assim, são textos.

No trabalho de interpretar, quaisquer que sejam os textos e qualquer que seja a sua base material, interpreta-se predominantemente de forma comunitária, em diferentes intensidades, principalmente em ambientes religiosos. Há sempre uma comunidade interpretativa que impõe limites e controla os mecanismos de interpretação. A interpretação pessoal é quase uma ilusão, mas quando acontece pode estabelecer rupturas com o grupo. Em todo caso, é interessante pensar que a dimensão comunitária, se exerce alguma coerção, abre possibilidades de expansão, pois, no nosso caso, as comunidades religiosas são, além de agente, o alvo da interpretação; elas devem ser participantes de uma leitura conjunta; pode ser que elas não façam, necessariamente, a leitura acadêmica, mas a correta leitura (se a expressão procede) não dispensa a participação dessa indispensável instância interpretativa.

O eunuco precisou de uma mediação (Filipe); a mediação foi conduzida pelo Espírito. Daí, naturalmente se conclui que, embora necessária, a interpretação e aplicação do texto que se lê deve, também, ter por horizonte de inspiração a presença e ação do Espírito. Isso é um consolo, claro, embora seja também um problema, se levarmos em conta a diversidade interpretativa de textos bíblicos, algumas inconciliáveis. Cada intérprete ou cada confissão diz ter a convicção da *inspiração do Espírito*, ainda que haja cismas, violência e morte. Quem está certo? De que lado está o Espírito?

Uma pergunta afligia o eunuco: qual era a interpretação correta de Isaías (52.13 a 53.12), a antiga ou a nova? Em outras palavras: o texto deveria ser interpretado à moda dos judeus ou à moda dos cristãos (esse o pano de fundo que dá o contorno ideológico do texto). Quem estava com a razão, a *igreja* ou a *sinagoga*? Hoje perguntaríamos: qual a interpretação certa, a de brancos ou a de negros?

Há, então, *uma nova interpretação* do Antigo Testamento à luz da nova experiência de Deus que depende de onde estão os pés de quem lê. Contudo, o intérprete pode ter os pés em determinado lugar (no lugar do eunuco, por exemplo), mas pode não querer sair daí, pode não ter a mobilidade nem o dinamismo requerido pelo compromisso com a nova maneira de ler as escrituras. Pode ser conveniente permanecer no lugar do interesse, quando se é beneficiário de alguma forma de vantagem.

Para chegarmos à Etiópia das bênçãos de Deus, precisamos de sintonia de diversos elementos. Os pés, sozinhos, não conduzem a lugar algum, porque não têm olhos. Estes, sim, alargam horizontes, olham para longe, para o alto. Mas os olhos, sozinhos, não podem tudo;

foram auxiliados pelos ouvidos, pois *primeiro Filipe ouviu* o eunuco, sem querer impor nenhum ponto de vista; *depois* de ouvir as dúvidas do eunuco, a partir delas Filipe *anuncia Jesus*. E aqui temos um princípio metodológico de interpretação: *olhos* na escritura e no horizonte da vida; *ouvidos*, atentos às perguntas e necessidades dos interlocutores.

Contudo, enxergar-ouvir-olhar, somente, não significa querer mudar o sentido da existência. Os olhos, as pernas, os ouvidos – o corpo todo precisa ser movido pelo *coração*. O que importa não é somente o lugar onde estamos, mas aonde queremos ou devemos chegar: ouvir-olhar-enxergar-*caminhar*. É nesse processo que reside a nova experiência de Deus, a nova experiência interpretativa, a nova chave hermenêutica o povo negro: Etiópia-África, a nova Canaã, o jardim do êxtase existencial, o orgulho de ser negro, a alegria de uma no Abolição efetivamente restauradora, permanente, divina.

A experiência com o que Deus comunica em Jesus tem relação com o que Filipe mostra: *sentar ao lado do eunuco* e ser *companheiro de viagem*. “Sentar ao lado” e “ser companheiro” sintetizam o novo jeito de interpretar a Bíblia. Esses gestos simples não têm sido a inspiração para os intérpretes da Bíblia, que se distanciam da negritude, contrariamente à ação de Filipe.

O processo de leitura mobilizou a cognição, a inteligência, em primeiro lugar, pela capacidade de associar letras, sons, palavras, frases e delas extrair sentidos; mas isso foi insuficiente, pois o eunuco não estava seguro a respeito de qual seria o sentido do texto. Nisso entram em cena os sentidos biológicos (olhos, ouvidos), os sentimentos (o coração) e a solidariedade (ser companheiro). Da combinação desses elementos é que nasceu o sentido pleno do texto. O processo cognitivo é necessário, mas insuficiente; ele precisa ser enxertado por ideais, por compromissos em que haja convergências entre intérprete e comunidade.

Com isso, o anúncio de Jesus de que falava o profeta motivou o eunuco a se batizar, a assumir uma nova vida; para isso, antes, ele pergunta se havia algum impedimento.

Os impedimentos

O maior impedimento que interfere no processo de leitura e interpretação da Bíblia é o racismo, que contamina todas as esferas da vida pessoal e coletiva. O racismo interpreta a Bíblia, no Brasil, de forma predominante. O racismo é uma das mais graves doenças sociais, hoje.

No mundo antigo em geral e no Novo Testamento em particular, isso não havia, embora tenham existido outras formas de distinção e de discriminação, como a escravidão; contudo, ela não era associada à pele negra.

A noção de raça é estranha ao mundo antigo, pois estruturou-se na modernidade; não há raça em termos biológicos. No âmbito da Antropologia, a noção de raça influenciou a ideia de que características físicas determinam comportamentos, como caráter e moralidade e daí a ideia de superioridade cultural da raça branca.

Na antiguidade predominava a noção de etnia, que organizava grupos sociais distintos a partir de determinadas características semelhantes, mas não inferiores; é normalmente traduzido por *nação*, *raça*.

A Etiópia era a região próxima à Índia, próxima do poente, lugar onde o sol nasce. Ficava ao sul do Egito, atual Sudão. *Etíope* significa: olhos queimados (pelo sol), pele queimada, face queimada. *Etíope* caracteriza tanto o negro africano quanto o natural da Etiópia.

Atos 8.26-40 indica que a salvação alcança os etíopes; alcança os africanos; alcança os que têm a face queimada; assim, negras e negros recebem o evangelho, recebem o batismo, recebem a salvação: sorriso e abraço de Deus. A face negra não foi impedimento para que o evangelho chegasse à Etiópia e aos etíopes-africanos.

O que impedia o batismo? O africano era eunuco e, por causa da mutilação corporal, não poderia ter se tornado prosélito (visão sacerdotal de Dt 23.1).

Pode-se ver nisso um grande *desafio* para os intérpretes da Bíblia: *remover obstáculos*, principalmente os que separam os seres humanos de Deus; e também os que nos separam uns dos outros. Há muitos *eunucos*, *hoje* (em sentido figurado). Sem querer entrar em minúcias da teoria psicanalítica, para a qual a castração tem dimensões que afetam o psiquismo, admitamos que nosso tempo e nosso mundo produzam muitos eunucos. E aqui incluímos as mulheres, também, porque eunucos não são somente os homens; mulheres podem ser castradas; não somente na dimensão física, mas também em seus sonhos e possibilidades plenas de conhecimento e de realização. Não só as mulheres, claro; há outros grupos excluídos das bênçãos bíblicas... Assim, há tantos e grandes obstáculos a serem removidos, impedimentos a serem superados.

Tenhamos novos olhos e novos corações que nos deem um novo jeito de ver o mundo e de ler a Bíblia, a partir do qual o eunuco, agora como metáfora, passa a ser pai de família numerosa, conforme Isaías 56.3-7.

O que nos impede? Quais são as barreiras que precisam ser removidas? “Graças a este etíope, foram superadas barreiras de povos (ele é um africano etíope), de raças (ele é negro), de preceitos legais (ele é eunuco), e de classes sociais [...]” (Mesters e Orofino).

Essa nova forma de ler a escritura e a vida, em que obstáculos são removidos da vida das pessoas; ainda que impotentes e castradas em suas potencialidades, elas são acolhidas no rebanho de Deus; se estiverem confusas, serão esclarecidas pelo novo jeito de ler a Bíblia, para o qual o entendimento tem sua sede no coração.

Desafios da nova leitura: superar os impedimentos

Sem pretensão de esgotar a discussão nem de assumir a exclusiva representatividade de negras e negros, apresentam-se a seguir algumas considerações vinculadas às dimensões aqui apontadas e discutidas, que nos desafiam e que podem nos motivar a ler e interpretar a Bíblia de forma mais inclusiva, a partir do lugar existencial de grupos sociais que não estão representados nas estratégias de leitura e de interpretação do livro santo.

- **Harmonia entre leitura especializada e leitura comunitária**

A leitura e interpretação da Bíblia, a partir do lugar afrodescendente, deve ser incentivada, a partir da combinação entre leitura comunitária e leitura especializada. Isso é possível e necessário. É preciso eliminar barreiras que impedem o retorno da salvação à África-Etiópia que existe no Brasil (e no mundo). Assim, negros e negras devem reler e redescobrir a Bíblia do Êxodo, a Bíblia dos Profetas. A Bíblia do Evangelho de Jesus.

O episódio do eunuco é um capítulo interessante da evangelização de povos africanos (e pode ser para negras e negros, no Brasil), no processo de expansão do evangelho, conforme podemos ver no livro de Atos. Ele nos mostra que os africanos estão incluídos na família de Deus, sob condução do Espírito Santo, como forma de aprovação divina e de salvação. Hoje, etíopes (negros-africanos) são excluídos das bênçãos de Deus, de forma antibíblica. Esse aspecto de inclusão na salvação precisa ser enfatizado em nossas leituras e na interpretação da Bíblia.

Negras e negros precisam estudar Teologia, Exegese, Hermenêutica, além da história da interpretação da Bíblia. Isso porque a leitura especializada, acadêmica, tem prestígio e é sempre mais valorizada; como negros têm menos chance de estudar, ficam sem representatividade nos círculos especializados de interpretação bíblica. Ter voz autorizada é apoio que credencia a opinião, a análise e a crítica que negros podem elaborar, em defesa do próprio povo negro. Essa disputa pode não ser a ideal, mas assim têm sido as coisas. É mais ouvido e considerado quem tem conhecimento. E conhecimento é poder. Negros e negras precisam se credenciar como intérpretes autorizados pelas instâncias adequadas.

Isso não significa desprezo pela leitura comunitária e popular, ao contrário: leitura popular não é leitura rasa, mas construção coletiva de esperança comprometida com o povo negro oprimido.

Para afrodescendentes, a tradição oral é muito forte; tradição oral só existe comunitariamente. A ligação com a ancestralidade é constitutiva de laços de solidariedade com os conhecimentos transmitidos de geração a geração. Trata-se de outro tipo de aquisição de saber, fora das escolas e seminários. É sabedoria, conhecimento adquirido pelo convívio com os mais velhos, com a natureza, surgido da solidariedade e da observação. É isso o que ocorre em círculos de leitura bíblica, que dá voz e vez a pessoas simples, que não foram à universidade, mas têm a excelência de formação: a vida, que inscreve na pele do corpo o saber-sabor do que significa ser negro no Brasil.

Desse modo, jamais deve ser desprezado o desafio de cultivarmos a dimensão comunitária de interpretação; as comunidades negras (sem limitar isso à cor da pele) devem ser, além de agentes, o alvo desse processo; assim, a dor, o sangue, as lágrimas de negras e de negros são a motivação para ler nas Escrituras a inspiração para a vida.

Por sua vez, intérpretes especializados precisam pisar o barro do sofrimento negro, que acumula séculos de rejeição, de violência, de humilhação. Os olhos devem enxergar o tempo e lugar em que a Bíblia não seja mais meio de opressão, de ninguém. No coração, não pode faltar a solidariedade, que sente a dor do outro.

- **Descobrir o negro na Bíblia**

Para isso, é preciso superar as limitações da interpretação branca, excludente, racista. É preciso descobrir o negro na Bíblia como alvo das promessas divinas. Desse modo,

encontraremos na Bíblia inspiração para combater qualquer exclusão, de qualquer natureza, contra qualquer pessoa. Quando isso acontecer, estará sendo resgatado o orgulho de ser negro, pelo reconhecimento de que não está excluído das bênçãos bíblicas; a pele negra não são maldição, ao contrário. Quando isso acontecer, a Etiópia-África e seus descendentes farão parte plena da família de Deus.

- **Reler o significado da escravidão, na Bíblia**

É preciso, com urgência, reler a escravidão na Bíblia, reinterpretá-la, a fim de que sua simples presença nas Escrituras não seja motivo que justifique a escravização de nenhum povo nem de nenhuma pessoa. Há escravidão na Bíblia, não se pode negar, mas é preciso inseri-la no contexto histórico e social próprio em que ocorre e diferenciá-la em relação ao modelo racial da vertente moderna. O fato de estar na Bíblia não significa que seja compatível com o conjunto de valores que a caracterizam. Pode-se dizer que há escravidão na Bíblia; contudo, não há preconceito racial contra negros. A interpretação branca da escravidão bíblica é um grande impedimento para a superação dos males que a história testemunha contra nós; é também, talvez, o maior impedimento para o resgate da dignidade do povo negro.

- **Ler e interpretar a Bíblia com a solidariedade que elimina impedimentos**

Sem o devido reconhecimento dos impedimentos que aqui se mencionam e de outros aqui não registrados, não se poderá removê-los. E não atingiremos a compreensão revolucionária da Bíblia e o batismo de esperança não será realidade.

O Evangelho encontrou a África, em Atos. A mão branca colonialista o tirou de lá. Assim, a Palavra de Deus ficou exilada de corações escravagistas e racistas.

Que o Espírito, que guiou Filipe, nos inspire nesse encontro com a Bíblia e, em nova experiência interpretativa, nessa viagem de retorno à África, nos encontraremos conosco mesmos. Como Deus nos revestiu. A pele negra não é maldição. É bênção divina.

Considerações finais

Há muitas propostas de vida cristã em circulação no mundo religioso, dependentes de formulações teológicas previamente elaboradas; contudo, nem todas eliminam barreiras no caminho da fé; ao contrário, as criam.

O texto bíblico desafia, hoje mais do que nunca. Há tantos e grandes obstáculos a serem removidos, impedimentos a serem superados. Como religiosos, leitores da Bíblia, professores, pastores, padres, não podemos resistir a tais desafios. Como Filipe, devemos obediência ao Espírito. Removidos os impedimentos, o resultado aparecerá; celebrar-se-á a alegria, resultado do sacramento do batismo, celebração festiva pela queda das barreiras. Leitoras e leitores comuns, fieis de todas as cores, tenhamos novos olhos e novos corações que nos deem um novo jeito de ver o mundo e de ler a Bíblia, a partir do qual o eunuco passa a ser pai de família numerosa, conforme Isaías 56.3-7 (tradução de João Ferreira de Almeida):

3. E não fale o estrangeiro, que se houver unido ao Senhor, dizendo: Certamente o Senhor me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que eu sou uma árvore seca. 4. Pois assim diz o Senhor a respeito dos eunucos que guardam os meus sábados, e escolhem as coisas que me agradam, e abraçam o meu pacto: 5. Dar-lhes-ei na minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome melhor do que o de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará. 6. E aos estrangeiros, que se unirem ao Senhor, para o servirem, e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos seus, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem o meu pacto, 7. sim, a esses os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar; porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos.

Mesters e Orofino dizem: “Graças a este etíope, foram superadas barreiras de povos (ele é um africano etíope), de raças (ele é negro), de preceitos legais (ele é eunuco), e de classes sociais [...]”.

O eunuco era vítima de castração. A castração é sinal de falta. A falta, de ausência. Nisso também há aproximações com a leitura e a interpretação, pois ela é, de certo modo, a percepção de ausências e provocam o desejo de torna-las presença. As letras, apreendidas pelos olhos, processada pelo cérebro, fazem com que o processo de leitura acione os sentimentos, a memória, a utopia e o ausente, como por milagre, irrompe quando encontramos sentido para a existência: a leitura é vida; torna presente o ausente; supre carências; vence limites.

A leitura e a interpretação da Bíblia a partir da negritude e do lugar de todos os oprimidos são exercícios para ressignificar ausências. A carência, de que nasce o desejo, é a força motivadora das realizações humanas. A leitura é um caminho para essas conquistas. A leitura da Bíblia, ainda mais. Ela supera barreiras, vence preconceitos, dá forma a mundos. Dessa forma, serão superados os limites próprios de nossa condição humana, sobretudo o

preconceito racial, que produz inimizade, violência e morte, o que contraria as promessas e as bênçãos de Deus para o povo africano e para os seus descendentes, representados no eunuco etíope.

O projeto narrativo do autor de *Atos* (Lucas) reconhece essa nova forma de ler a escritura e a vida, em que obstáculos são removidos da vida das pessoas; ainda que castradas em suas potencialidades, elas são acolhidas no rebanho de Deus; se estiverem confusas, serão esclarecidas pelo novo jeito inclusivo de ler a Bíblia, para o qual o entendimento tem sua sede no coração:

Mesters e Orofino, no livro *Atos dos apóstolos*, acrescentam: “[...] Lucas traçou a história de como o evangelho foi liberado e como homens de todas as classes e raças foram liberados por ele [...] do pecado, de si mesmo, do nacionalismo estreito, do provincianismo e particularismo, do orgulho e preconceito racial [...]”.

Referências Bibliográficas

BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1998.

BÍBLIA SAGRADA.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez. 51ª. Edição, 1992.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Atos dos apóstolos*. São Paulo: CEBI/Paulus, 2002.

Fontes eletrônicas